

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 641



O SENHOR LUCAS

por ISABEL AREOSA

O Senhor Lucas era um medroso. Estremecia por tudo e por nada e tinha um medo enorme de morrer. Os dias de feriado nacional eram para ele um martírio por causa das salvas.

Se estava na cama, escondia a cabeça debaixo dos lençóis e a cada estrondo, dando um ai!... punha-se a tremer dos pés á cabeça. Se estivesse na rua e estoirasse uma bomba de cinco tostões, enfiava pela primeira porta que encontrasse aberta e aí ficava, meio morto de susto, com o coração taf... taf...

Um dia estava a conversar com um amigo e este disse-lhe:

—Eu gostava imenso de viajar de automóvel. Já andei de aeroplano, mas para mim não há nada que chegue á sensação agradável dum automóvel a cem á hora.

O senhor Lucas que de automóvel nunca andara a mais que a vinte á hora, ficou estarrecido com o perigo que oferece uma tal velocidade e respondeu:

—Pois eu o meio de transporte de que mais gosto é da bicicleta.

—Da bicicleta?! Olha que gosto! Mas porquê?

—Ora essa, porque é o meio de transporta mais seguro! Tenho assim menos probabilidades de ser vítima dum desastre. E, senão, tu repara—Quando descarrila um comboio, as vítimas são geralmente ás centenas. Se uma camioneta vai por uma ribanceira abaixo, as vítimas são ás dezenas, se um automóvel se volta, as vítimas são quatro ou cinco... Enquanto que, de bicicleta, suceda o que suceder, quer a bicicleta saia da estrada, quer vá por uma ribanceira abaixo, quer se volte... a vítima é sempre só uma! Por isso, viajo sempre de bicicleta porque tenho assim mais probabilidades de escapar aos desastres...

O amigo do senhor Lucas ficou mesmo embatucado com aquele raciocínio. E o caso não era para menos. Pois os meus meninos repararam bem no que o senhor Lucas estava dizendo ao amigo?

Doutra vez, o senhor Lucas estava

conversando com o mesmo amigo no Cais das Colunas, no Terreiro do Paço e, nisto, caiu um homem ao rio. O seu amigo, que era um homem ás direitas, disse logo:

—Que pena eu não saber nadar!



Tu sabes nadar, ó Lucas?

—Sei... sei...

—Então tu vês cair um homem á água e não lhe acodes?! Olha que podes ganhar uma medalha de filantropia!

—É que eu sei nadar mas não faço empenho na medalha de filantropia...

O amigo ficou a olhá-lo com o natural desprezo que inspiram os homens pouco valentes e disse-lhe:

—Isso é um momento de cobardia. Anda, homem, enche-te de coragem e atira-te á água.

—Nada... nada... nada, meu amigo, vale mais ser cobarde um momento que defunto toda a vida...

E todo êle se encolhia com medo de morrer, fazendo uma triste figura.

É claro que houve um valente marinheiro que se atirou á água e trouxe para terra o infeliz que estava prestes a afogar-se. O marinheiro foi olhado por toda a gente com admiração e respeito e á sua volta elevou-se um côro de louvores.

Quando o senhor Lucas e o amigo dali saíram, o amigo disse-lhe com todo o desdém:

—Olha, Lucas, não te há-de servir de nada seres medroso. A-pesar de todos os cuidados que tens para não morrer, há-de morrer novo.



Ao que o Lucas respondeu:

—Pois esse é que é o medo que eu tenho. É que se tem mais probabilidades de morrer enquanto se é novo do que depois de velho.

—Como é que tu arranjas isso? Explica lá, ó Lucas.

—Ora vê lá tu se não há percentagem muito maior de gente que morre aos quarenta anos do que de gente que morre aos cem anos? Quando morre um homem de cem anos é um acontecimento tão grande que os jornais até anunciam — «Morreu o centenário fulano de tal» Por isso, bem vêes que o risco de morrer vai diminuindo com a idade, porque se morre mais aos quarenta anos do que aos cem anos. Aos cem anos não há tantas probabilidades de morrer como aos quarenta. Logo, quanto mais idade se tem, menos arriscado se está a morrer.



O amigo do Senhor Lucas ficou estomacado com aquela exposição de reflexões desconexas e ia para se ir embora mas, nem de propósito, pas-

sou um enterro com grande acompanhamento e não se podia passar. Então, o amigo, só para o arrelviar, começou assim:

—Pois quer queiras quer não queiras, há-de morrer cedo. Mas não há-de ir num automovel tão bonito como aquele que ali vai. Há-de ir para o cemitério numa carroça puxada por uma mula lazarenta...

O senhor Lucas ficou danado e, como nunca ficava sem resposta, resmungou por entre os dentes:

—Quem sabe se, quando tu morres, te não acontecerá ainda pior! Talvez nem tenhas sequer essa carroça da mula lazarenta para te puxar e tenhas de ir para lá pelo teu pé...

O amigo do senhor Lucas deixou de andar com ele, porque as suas respostas punham-no tonto e teve medo de dar em Lucas, também.

Lê, minha menina...



POR GRACIETTE BRANCO

Minha querida menina portuguesa: estou muito contente contigo; muito enternecida com a beleza, a bondade e a graça da tua alma; com a lucidez da tua consciência.

As cartas caem-me no regaço às dezenas, cheias de confissões ingénuas de pequeninos pecados, de maldades infantis, de defeitos corrigíveis. É sempre com alegria que eu recebo a confissão da tua maldade, minha querida menina portuguesa, porque ela vem provar-me que a tua consciência está bem desperta, que os teus sentimentos estão alerta, como farol brilhante no mar imenso da tua emotividade; Continua sempre seguindo o meu conselho; faze-te mulher, minha querida menina, faze-te mulher, honrando com orgulho e aprumo o nome da tua Pátria, mulher nobre, digna, trabalhadora, honesta e consciente, seguindo sempre em linha recta pela estrada do Dever, com os olhos postos em Deus e o coração no teu semelhante.

CORRESPONDÊNCIA

Maria Isabel Albuquerque — Bravo, Isabelinha! Fazes progressos. Estou muito contente com a carta que a tua mãzinha me escreveu, na qual me afirma que estás completamente emendada do defeito da mentira. Não imaginas a alegria que senti! Continua, que serei sempre tua amiguinha,

Raquelinha R. Mendonça — Póvoa de Varzim — Obrigada pelas tuas boas palavras. Sê sempre muito obediente aos teus Paizinhos. Manda-me a história que fizeste. Saudades.

Maria José R. Lopes de Castro — Oh, Maria José! Então a mãe quando faz doces, não sabe onde há-de guardá-los porque tu és muito gulosa e vais a eles!!... Que feio! Não vêes que é uma feia acção que cometes, que ralas a tua mãzinha, que perdes a amizade de todos? Peço-te que te emendes! Não esqueças o meu pedido porque fico preocupada a teu respeito. Beijinhos.

Terezinha — Não, não, Terezinha, isso é muito feio. Então, tu comes os bôlos e vais dizer à tua madrinha que foi o teu irmãozinho quem os comeu?! Que feia acção, Terezinha! Ainda bem que estás arrependida. Vai já confessar a verdade à madrinha, porque sentirás um grande alívio, libertando a consciência do pesado fardo da mentira. Sê boazinha e pensa em tudo o que te digo. Escreve sempre.

Vossa amiguinha

GRACIETTE.

DIÁLOGO

POR FELIZ VENTURA

— «Avózinha, porque está a noite escura sem se ver uma estrelinha, nenhuma, avó! a brilhar? Só se ouve o vento a rugir, numa corrida a bramir! Parece qu'ernos levar! Porque é, Avó?»

— «Não vêes tu, minha netinha, que o inverno está a chegar?»

— «E porque há inverno, Avózinha? Porque razão, à noite, não há a lua a brilhar, nem já vêm os passarinhos nesta janela poisar?»

— «Ouve, com muita atenção: Se não houvesse o inverno, também não havia grão com que se faz este pão, o pão de Nosso Senhor. Não haveria as florinhas que tanto gostas de ver,



LUIZINHA

A MENINA COLERICA

POR DIOGO ALVAROZ

LUIZINHA era uma menina bonita e engraçada; gostava muito de coser e fazer vestidos para a sua boneca. A mãe de Luizinha tinha-lhe ensinado a tomar medida e a cortar todos os enfeites para a vestir com primor e elegância, e ela tomava tanto sentido e tinha tanto jeito que fazia gosto vê-la trabalhar, como se fôra uma hábil costureira; porém, Luizinha tinha o defeito de ser pouco sociável; era metida consigo e, sobretudo, não gostava que a viessem estorvar, quando estava ocupada com as suas obras.

Esta menina tinha uma amiga, mais nova do que ela, chamada Ondina, que vinha vê-la trabalhar e aprender a coser. Um dia, em que Luizinha estava muito ocupada a fazer um vestido da última moda para a sua boneca, veio Ondina e complimentou-a com muita afabilidade e até com certo ar de respeito, porque a olhava como sua mestra, mas a jovem costureira mostrou-lhe mau modo e disse-lhe estas palavras grosseiras:

— «Tira-te daí, vai-te da minha presença, não me venhas importunar. Tu és uma desastrada, não tens jeito para nada. Vergonha teria eu de dar lições a uma estúpida como tu és.» E disse isto com tanta ira que a côr lhe subiu ao rôsto e as feições se lhe alteraram, de modo que não parecia a mesma.

— «O ser desastrada não é crime — (respondeu Ondina) — mas a ira é um vício bem feio.

Tens muita habilidade, minha Luizinha, fazes obras muito lindas, mas falas sempre com duas pedras na mão a toda a gente,

Oh, se soubesses como és feita quando te deixas dominar pela ira, tu que és tão bonita! Olha, vê-te neste espelho! Onde está aquela serenidade de rosto, aquela suavidade de olhos que te fazem tão engraçada, quando estás bem disposta de génio?

Acredita-me, minha Luizinha, vale mais ter qualidades menos brilhantes e ter mais propósito e moderação. A ira é uma loucura que nos torna desagradáveis a nós mesmo e insupportáveis aos outros. Não sejas colérica, minha amiga, e serás mais feliz.»

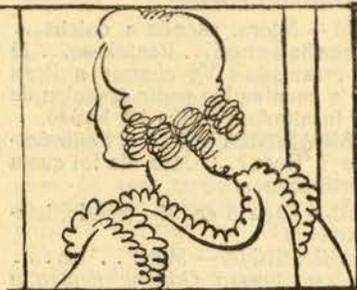


Esta linguagem, branda e suave, fez serenar Luizinha. Abraçou a sua amiguinha, beijou-a carinhosamente, e pediu-lhe desculpa da maneira desabrida como a tratara. Daí a pouco, cosiam as duas, perto uma da outra, conversando em vários assuntos e sempre que Ondina necessitava dum conselho ou indicação, Luizinha dava-lhos com boa vontade e interesse. Daí por diante, teve sempre o maior cuidado em evitar zangar-se sem motivos.

Por isso, todos a estimam e a apontam como exemplo das meninas bem educadas e trabalhadoras.

Imitai vós, pequeninas leitoras do «Pim-Pam-Pum» e, especialmente, a amiguinha M. A., a quem dedico esta história, o exemplo da Luizinha e vereis como as contrariedades da vida nos custam menos a sofrer, além de que agradareis a Deus, a vossos pais e a todos quanto vos conhecem e estimam.

F I M



nem seus frutos saborosos as árvores podiam ter, pois o inverno, mesmo feio, é que faz com que na terra possa a semente brotar.

Dá às árvores folhagem para, na sua ramagem, as aves fazerem ninhos. Faz que os regatos e as fontes tenham água em abundância, senão aqueles peixinhos do lago do teu jardim, breve teriam seu fim.»

— «E quem manda o inverno, avó? . . .»

— «Não sabes quem é, netinha? Então, eu vou-te explicar. Quando é noite, não vais tu, joelhada na caminha, rezar a Nosso Senhor? Ele é quem manda no mundo, quem fez o mar, grande e fundo, que tu tens medo de ver! É quem manda em todos nós,

quem, com todo o seu amor, perdoa ao que é pecador. E' êle quem faz tudo isto.»

— «E quem fêz o teu cabelo côr de neve, tão branquinho? Não vês o meu, tão pretinho! . . . Porque é, porque é, Avôzinha?»

— «Minha filha, são os anos, desgostos e desganhos, tudo o que por mim passou, que lhe faz ter esta côr.»

— «Não tenhas pena, Avôzinha; Eu gostava tanto, tanto, de ter o cabelo assim! Olha, eu até já sonhei que era tal qual a Avôzinha. E sabes? Quando acordei tive, ao ver-me, assim, menina, tanta pena que chorei.»

— «Netinha mas que doidice! . . . Quando tu fores velhinha,

que saudades não terás dos tempos da meninice!

Vá, anda, encosta-te a mim, que eu vou contar-te uma história que contava a tua mãe! . . .»

— «Como a avó gosta de mim! . . .»

— «E' que isto de ser Avó é ser duas vezes Mãe!»

F I M

PROVÉRBIOS

Mais vale a má estrada, que o mau companheiro.

Confia no futuro mas põe a casa no seguro.

Quem deveras nos quer bem, êsse sim que é pai e mãe.

Antes cautela que arrependimento.

MARIAZINHA BATIA NA CRIADA

por LEONOR de CAMPOS

Mariazinha, de olhos esbugalhados, faces vermelhas de raiva, cabelo despenteado — autêntica Fúria — bate desalmadamente na Rosa, uma pobre criadazinha pouco mais velha do que ela. Gritam as duas. Acode a mãe. Separa-as.

MÃI (*severa*) — Que é isto, Mariazinha? Porque batias tu na Rosa?

MARIAZINHA (*raivosa*) — É que ela é uma grande malcriada, minha mãe. Chamou-me nomes feios...

MÃI — E que te chamou ela?

MARIAZINHA — Desmazelada e porcalhona.

ROSA (*a choramingar*) — Eu disse isso... porque... a menina...

MÃI — Cala-te. Responderás quando eu te interrogar. (*Para Mariazinha*). Afinal... porque foi que a Rosa te insultou?

MARIAZINHA (*um pouco comprometida*) — Foi... foi... não foi por nada, mãzinha. Ela é tão malcriadona... Se a mãe soubesse... Está sempre a gritar comigo... sempre a chamar-me nomes. E eu, hoje, perdi a paciência...

MÃI — Mas com certeza ela não te chamava porca e desmazelada sem qualquer motivo...

MARIAZINHA (*confusa*) — Acredite, minha mãe... Olhe que eu não sei...

MÃI — Mariazinha: não mintas. Sabes que nunca perdôo que me mintam... Não me obrigues a interrogar a Rosa... Seria vergonha para ti e para mim...

MARIAZINHA (*de cabeça baixa*) — Foi porque eu... quando cheguei da escola... deixei ficar os sapatos sobre a colcha da cama... e sujei-a... Depois fui lanchar. E quando voltei ao meu quarto, a Rosa ainda não tinha arrumado os sapatos, nem sacudido a colcha...

ROSA (*tomando alento*) — Pois foi. E depois a menina chamou-me desmazelada e porcalhona... E eu



peço desculpa mas fiquei muito ofendida e nem sabia o que dizia — respondi que desmazelada e porca era a menina... Então, ela agarrou-se aos meus cabelos e...

MÃI (*com bondade*) — Bem, Rosa. Vai para a cozinha, que logo falamos...

Rosa sai.

MÃI (*severa para Mariazinha*) — Limpe os sapatos e arrume-os na prateleira.

Mariazinha obedece.

MÃI — Agora, sacuda a colcha... Componha a cama... Penteie-se... Já está arranjada? Vá chamar a Rosa para a menina lhe pedir desculpa de a ter insultado e de lhe ter batido.

MARIAZINHA — Eu?... Pedir desculpa à Rosa?... Mas ela foi quem me provocou...

MÃI — Faça o que lhe mando, imediatamente.

MARIAZINHA — Mas... em... (*sai, sem pressa. Ouve-se, dentro, a sua voz*) Rosa. Vem à mãzinha.

ROSA (*entrando, precedida de Mariazinha*) — Minha senhora?...

MÃI — A menina quer pedir-te desculpa.

ROSA — Ó minha senhora, não é preciso...

MÃI (*imperiosa para Mariazinha*) — Vá!...

MARIAZINHA (*raivosa*) — Desculpa...

ROSA (*a choramingar*) — Ó menina!... Não valia a pena...

MÃI (*para Mariazinha*) — Não é assim que deves dizer.

MARIAZINHA — Não sei dizer doutra forma.

MÃI — Então, vou ensinar-te. Repete: Desculpa, Rosa, ter-te insultado e batido. Tu não o merecias. Fui má... Mas vou tentar emendar-me...

MARIAZINHA (*repete, baixo, com mau modo*) — Desculpa... insultado... batido... o merecias... mas... tentar emendar-me...

MÃI — Podes ir, Rosa.
Rosa sai.

MARIAZINHA (*depois dum silêncio numa explosão de raiva*) — A mãe não é minha amiga... Obrigou-me a humilhar-me diante duma criada... a pedir-lhe desculpa...

MÃI — Exactamente porque sou tua amiga, te obriguei a isto. Quero que toda a gente estime e respeite a minha filha. Porisso exijo que ela seja boa, atenciosa e... sobretudo se dê ao respeito. Ora não é insultando, e batendo que tu consegues que te respeitem.

MARIAZINHA — Mas ela é que teve a culpa.

MÃI — Não. Só tu foste culpada. Em primeiro lugar tinhas obrigação de arrumar os sapatos e de não os colocar sobre a colcha. Em segundo lugar, como só tu fôras a desmazelada





COSTUMES PORTUGUESES



TIPOS DE COIMBRA

Coimbra dos estudantes,
do Penedo da Saudade,
dos choupos e dos descantes...
Coimbra. . . nobre cidade!

De capas, batinas, gorros...
De almas simples, puritanas...
Do sol a fulgir nos morros
e nos olhos das tricanas.

Da lenda de Santa Clara,
de Dom Pedro e Dona Inês!...
Coimbra, em ti se depara
o Coração português.

OS NOSSOS CONCURSOS ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

POR JOSINO AMADO



Ao vaidoso que mascarra
Seu valor com elogios,
Usam dizer: «Muita p....,
Pouca uva», poucos br...!
Por tal razão, estudante,
Modesto em tudo sejas,
Porque é sempre petul....,
Quem se julga mais que os
m...!



e a porca, não devias ter chamado
esses nomes à Rosa. Por último,
mesmo que estivesse cheia de razão,
nunca lhe deverias ter batido...

MARIAZINHA — Mas ela é tão mal-
criada!...

MÃI — Não. Não é malcriada. É
ignorante, coitadita, porque não teve,
como tu tens, quem a educasse.
Porisso a ela podem desculpar-se
faltas ou tolices. A ti não.

MARIAZINHA — A Rosa também
não é boa, minha mãe. Quando vai a

casa, dá cada tarefa nos irmãos que
os deixa sufocados. E os pequenos da
porteira até lhe têm medo. Sempre
que os encontra, puxa-lhes as orelhas
e chama-lhes gatos pingados e laza-
rentos,

MÃI — E tu, quando a ouves, que
dizes?

MARIAZINHA — Nada. Dá-me von-
tade de rir, ver os pequenos a fugi-
rem, muito aflitos, com a fralda de
fora!...

MÃI — Pois bem. Nessa altura, ainda
és tu a culpada das maldades da Rosa.

MARIAZINHA — Eu?

MÃI — Sim, tu. Há um provérbio
popular que diz: «Como canta o abade,
assim responde o sacristão». E outro
ainda: «Tal amo, tal criado». Quere
dizer: Em vez de rires, devias apro-
veitar a ocasião para apontares à
Rosa o seu mau procedimento. Devias
mostrar-lhe o que representa de mal-
dade e estupidez o insultar e bater
em criaturas indefesas e inofensí-
vas... E se soubesses falar-lhe ao
coração, verias como a Rosa se modi-
ficaria... Mas... primeiro, Mariazi-
nha, era preciso que tu própria te
emendasses.

MARIAZINHA — Eu?

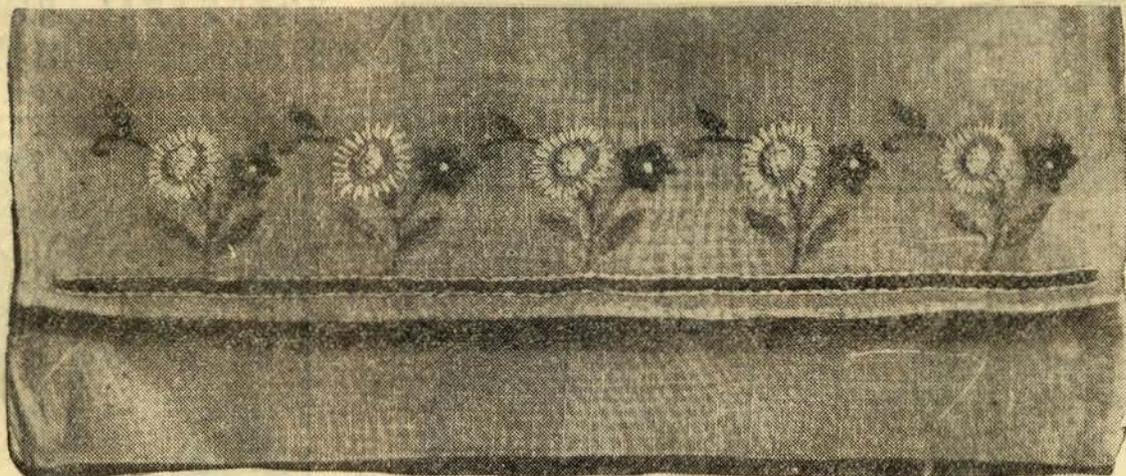
MÃI — Sim, tu. Precisas de apren-

der a dominar os teus nervos. E se
queres que os outros te tenham res-
peito, faze por merecê-lo. Cumpre
sempre os teus deveres. Estuda: Sê
arranjada e asseada. Sê amável, edu-
cada e obediente aos pais e profes-
sores. Nunca dêes aos outros o espec-
táculo duma fúria ou dum ataque de
mau génio. Nada há mais ridículo do
que uma pessoa enfurecida. E trata
os inferiores com bondade, guiando-
os com paciência e ensinando-os
sempre que se te ofereça ocasião.

MARIAZINHA — Mas... é tão difí-
cil proceder como a mãezinha diz...

MÃI — Não é, minha filha. Experi-
menta e habituar-te-ás. E verás como
os que te rodeiam se modificarão
também para melhor. O exemplo é o
melhor mestre. E agora, Mariazinha,
vai estudar as lições e nunca esque-
ças as palavras e o castigo da mãe...
(com um sorriso) embora ela não seja
tua amiga...

MARIAZINHA (saltando-lhe ao pes-
coço e beijando-a) — Perdão, minha
querida mãezinha. Eu sou uma pateta.
Quando estou zangada, nem sei o que
digo!... Perdôa?



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS Por ABELHA MESTRA

Este saco é dedicado à Abelhinha que, por intermédio da Sr.^a D. Graciete Branco, pediu à Abelha Mestre o modelo dum saquinho de guardanapo.

Este que a gravura mostra, é feito em linho verde e bordado com as seguintes cores:

As pétalas da florinha são feitas com dois pontos em cor de rosa, sendo o tom mais claro para os pontos pe-

quenos e o mais escuro para os pontos maiores.

Estes pontos são apenas feitos de uma só vez, com a linha passada como se fossem alinhaves.

O olho é feito em amarelo torrado. A flôr, mais pequenina, em azul escuro com um nózinho amarelo ao centro. E, por fim, as hastes e fôlhas são verdes.

Uma barrinha feita com cinco fiadas de ponto pé de flôr, muito



unidas e sendo as duas dos extremos em amarelo e as três do centro em azul escuro, completam, muito graciosamente o conjunto. Sempre vossa muito amiga.

Abelha Mestre

A PRINCEZINHA da RUA

Por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

A Princezinha da rua era uma linda bailarina que, nas manhãs de sol, aparecia nas ruas da cidade, acompanhada por um simpático grupo de cégnhos que tocava encantadoramente.

Logo que, em qualquer rua ou largo, o grupo estacionava, o povo rodeava-o, para o ouvir e, no fim, gratificava-o generosamente.

A bela bailarina era conhecida pela «Princezinha da rua», devido a ser muito galante, ágil e formosa, e ao facto de imprimir aos seus bailados atitudes de suprema beleza. Lembrava, muitas vezes, um cisne branco, nos seus movimentos estilizados, rítmicos e encantadores.

Todos a aplaudiam com entusiasmo, principalmente as crianças, cujo enlêvo, diante da «Princezinha da rua», não tinha limites.

Davam palmas, gritavam, riam, choravam e pediam sempre mais «Pricezinha» e mais bailados, numa insatisfação.

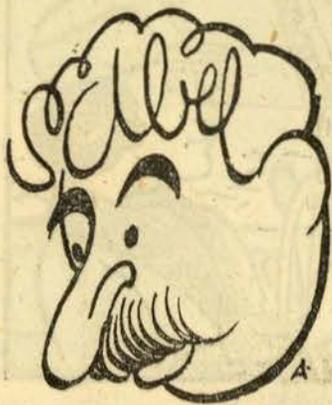
Mas — coisa curiosa! — quando essas crianças voltavam a suas casas, enlevadas pelo que tinham visto e cançadas de tanto aplaudir, encontravam sempre nos seus quartinhos calçado, roupas, brinquedos e até dinheiro.

Ao começo, foi isso atribuído ao Menino Jesus, que todos os anos, em dias certos, tem dessas generosidades para com os outros meninos. Mas, pela continuação, a insistência das lembranças deu a todos a convicção de que não se tratava do divino filho de Maria mas sim da genti,

(Continua na página 8)



Curiosidades



ADIVINHA

Este homenzinho que estão vendo, é tão distraído, tão distraído, que até se esqueceu do seu próprio nome.

Vejam os nossos amiguinhos se conseguem saber como ele se chama.



SOLUÇÃO da CURIOSIDADE do NUMERO ANTERIOR

Realmente era para assustar. Um magrisela daqueles, ter que se defrontar com este homenzarrão, era caso para morrer de medo. Não acham?

Uma galinha de 32 anos

Os naturalistas tem sempre pretendido que as galinhas, entregues à lei da natureza, não podem viver mais de dez anos; há, ao que parece, exceções. Houve uma (propriedade de um velho padre) que viveu a bonita idade de 32 anos e uns meses mais. Nunca deixou de pôr, e ainda no último ano da sua longa vida deu ao seu possuidor algumas dúzias de magníficos ovos. Todavia, a sua magreza era extrema; só comia hortaliça cozida e pão ensopado.

O dedo mais forte da mão

O dedo polegar é, não somente o dedo mais forte, como também o que tem tanta força ele só como todos os outros juntos.

O anular tem, além dos músculos ordinários, um, especial, que o impossibilita de estar direito quando todos os outros se dobram, coisa que o faz ter mais força do que o dedo do centro.

O dedo mínimo tem movimentos mais independentes do que nenhum dos outros. O indicador é o centro de rotação da nossa mão e do antebraço e os seus movimentos tem muita relação com os do dedo do coração.

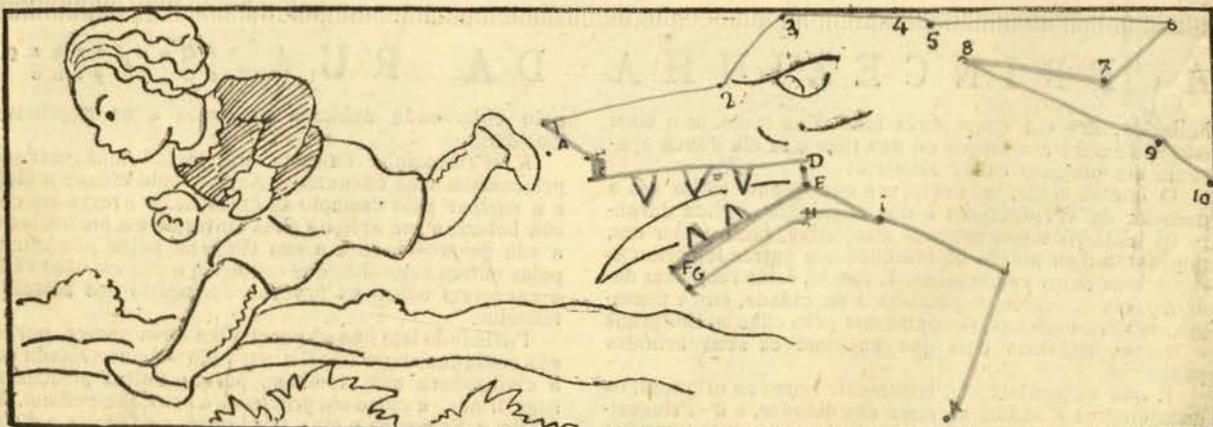
A maior flôr do mundo

A maior flôr do mundo é a *Rafflesia Arnoldi*, que se cria em Sumatra. Tem 90 centímetros de diâmetro, o que vem a ser quasi o tamanho de uma roda vulgar de carruagem. As cinco pétalas desta imensa flôr, são ovaladas e de um branco creme. Os estames, que ela tem no centro, são numerosos e cor de violeta. A flôr pesa mais de 7 kilo-

gramas. Os seus botões são do tamanho de enormes repolhos.

A N E D O T A

- Fez-lhe a cataplasma, como eu disse?
- Sim, senhor doutor; mas quere crer que o meu homem, só para me arrelhar não quiz comer senão metade?



Que terá visto este menino para, assim, fugir tão assustado? Se quiserem saber qual o motivo, unam, por meio dum traço, os pontos numerados ou com indicação alfabética.

RESPOSTA de MANDRIÃO

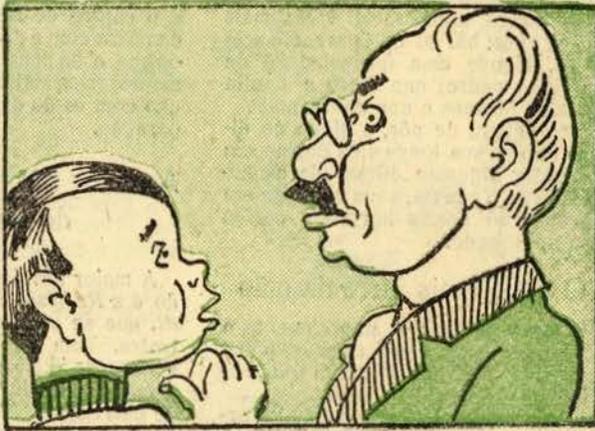
POR VICTOR GONÇALVES DOS SANTOS



I — Certo dia, um professor perguntou desta maneira:
— «Diga-me, faça favor, quem descobriu a Madeira?»

II — O petiz, um mandrião, que ao estudo não tinha amor, responde com aflição:
— «Não sei, senhor professor.»

III — «Gonçalo Zarco!» — gritou o professor irritado. Nisto, o petiz se sentou e conservou-se calado.



IV — «Mas quem o mandou sentar?» (interroga o professor.)
Saia já do seu lugar... Venha cá, faça favor.»

V — O rapaz exclama, então, confuso e num desatino:
— «Eu suponha que à lição chamaria outro menino.»

A PRINCEZINHA DA RUA (Continuação da página 6)

bailarina. Era ela quem dava tudo. Mas como, se a viam surgir sempre nos largos ou nas ruas e se ela nunca aparecia em qualquer casa? Mistério!

O que se sabia, ao certo, era que quanto maior era a colheita da «Princesinha e dos céguinhos, obtida durante os bailados e nas canções musicadas, tanto maior era, também, a distribuição de brinquedos e outras lembranças repartidas pelas criancinhas. E não só estas recebiam dádivas, mas os graciosos pombinhos da cidade, que à passagem da «Princesinha», encontravam pelo chão muitos grãos e muitas migalhas com que enchiam os seus arfantes papinhos.

É que os pombos são, justamente como as crianças, os mais alegres e sádios sorrisos das cidades, e a «Princesinha gostava que a sua terra fôsse das mais belas, românticas e graciosas do mundo. Era, também, seu desejo dar aos pequeninos espectadores, que a aplaudiam, o suave e elevado exemplo da protecção aos pombinhos que tanta graça e tanta beleza espalham pelo ar, por onde voam, e

pelo chão onde debicam os grãos e as migalhas que lhes dão.

A «Princesinha da rua» era, afinal, uma verdadeira princesinha mas encantada. Andava pela cidade a alegrar e a ensinar pelo exemplo as crianças. A alegrá-las com a sua beleza, a sua arte e a suas fantasias e a ensiná-las com a sua generosidade e a sua simpatia pelos pombinhos, e pelas outras ávezinhas que cortavam o céu em vôos rápidos e cantavam sobre as árvores ou mesmo nos beirais dos telhados.

Fazia tudo isto não só porque lhe dava prazer, porque o seu coraçãozinho a impelia para tão bela actividade moral e civilizadora mas, também, porque outras princesinhas, suas irmãs, e como ela graciosas e boas, lhe pediam. Eram a Tita, a Fernanda a Maria de Lourdes, a Odette, a Arlette, a Dulce, a Zita, a Wanda, e a Decéli. Todas lhe rogavam: — *Donça, pede e dá!* Ou então: *Ensina as criancinhas a serem boas para as aves, tão inocentes como elas.*

E a «Princesinha da rua» cumpria a sua missão.